

## O SACRAMENTO DO BATISMO: DIVERSAS FORMAS, MESMO OBJETIVO

Eleandro CASAGRANDE \*

**RESUMO:** De uma maneira crítica reflexiva, este artigo tem por objetivo explicar diversas formas de ministração do Sacramento do Batismo e suas bases bíblicas, no lastro de diversos teólogos, desde os pais da igreja, até os estudiosos atuais. A problemática se evidencia na defesa doutrinária sobre a maneira correta de ministração do Sacramento. A Bíblia Sagrada nos apresenta a Ceia do Senhor e a maneira de executá-la, o que não ocorre com o Batismo, que difere por interpretações variadas de passagens bíblicas. Conclui-se, então, que apesar de diversas formas, há um único objetivo na ministração deste Sacramento: cumprir uma ordenança de Nosso Senhor Jesus Cristo, acolhendo o crente, morto em seus pecados, na Igreja de Cristo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sacramento, Batismo, diversidade, aspersão, imersão, conversão, arrependimento, inclusão.

---

\* Bacharel em Teologia; Licenciado em Letra Português-Inglês; Militar no Exército; Email: profelecasa@gmail.com

## INTRODUÇÃO

O presente artigo visa realizar uma análise crítica reflexiva sobre as diversas formas de ministração do Sacramento do Batismo, conforme a orientação doutrinária de cada denominação. Definir os objetivos e propósitos do crente e da igreja na ministração do Sacramento e suas consequências e impacto na vida do batizado e sua convivência na sociedade. Concluir que o ato do batismo como renascimento e compromisso de mudança de vida é mais importante do que a forma de ministração deste sacramento.

Nos deparamos com discussões apologéticas acerca do Sacramento do Batismo, principalmente na maneira de como este é ministrado. O mesmo não acontece, na mesma intensidade, com o Sacramento da Ceia do Senhor. Isto ocorre porque a ministração da Ceia está explícita na Palavra (Mt 26:26-28; Lc 22:19-20; Jo 6:53-58; ICor 11:24-28). No entanto, o Sacramento do Batismo é expresso por verbos e ordens, mas não apresenta uma descrição da liturgia ou

definição dos atos praticados na ministração. Mas é Sacramento e ordenança do Senhor Jesus, expressa no Grande Comissionamento (Mt 28:18-20).

Ao avaliar, com imparcialidade, o modo de batismo de diferentes orientações doutrinárias e suas explicações baseadas em referências bíblicas, chega-se à conclusão que ambos possuem suas razões e crenças de que sua liturgia de ministração do Sacramento é correta.

Vivemos em um mundo com diversidade de culturas muitas vezes reguladas pelo clima, geografia, costumes, etc. Nem sempre teremos água em abundância para praticar uma imersão, ou ainda, há lugares extremamente gelados, onde a imersão não é agradável. Pode-se, ainda, perder a oportunidade de ministrar o batismo ao aguardar a condição julgada apropriada. Desta forma, pretende-se chegar ao entendimento de que não importa a forma de ministração, mas o importante é cumprir a ordenança do Senhor Jesus: “Portanto ide, fazei discípulos

de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” Mt 28:19

## 1. O SIGNIFICADO DO BATISMO

Em geral, o batismo é um ritual que marca um novo início. Pode ser a aceitação de um membro em uma comunidade ou a afirmação de uma conversão de comportamento. De qualquer forma, marca um começo, um recomeço ou uma mudança.

O termo “batismo” se origina do grego “βαπτισμω” (*baptismō*) que podemos comprovar na tradução da Vulgata, em Colossenses 2:12, para o latim (*baptismus*). Ainda encontramos, na Septuaginta outras palavras, como βαπτισμα” (*baptisma*) e “βαπτισμός” (*baptismós*), que são a derivação do verbo “βαπτίζω” (*baptizō*), que, por sua vez, possui várias traduções, tais como: “batizar”, “lavar”, “imersão”, “derramar”, “banhar”, “purificar”, e “tingir”.

O livro de Atos registra o nascimento e a expansão da igreja primitiva e como os discípulos de Jesus aplicaram o “IDE” deixado como ordenança durante a Grande Comissão: “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do

Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a observar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” Mt 28:18-20. A partir daí, Atos é o livro que apresenta o maior número de palavras referentes ao batismo, conforme nos apresenta o Dr Alderi:

O termo técnico *baptizo* é aplicado dezoito vezes ao batismo cristão e três vezes ao batismo de João (1.5; 11.16; 19.4); o substantivo *baptisma* é usado seis vezes em relação ao batismo de João (1.22; 10.37; 13.24; 18.25; 19.3-4). O verbo é aplicado duas vezes ao batismo com o Espírito Santo (1.5; 11.16). Todas as outras referências estão associadas com o batismo de indivíduos e grupos: os convertidos no dia de Pentecostes (2.38,41), os samaritanos e Simão (8.12-13, 16), Saulo (9.18; 22.16), o eunuco (8.36, 38), as famílias de Cornélio, Lídia e do carcereiro (10.47-48; 16.15,33), os coríntios e os discípulos de Éfeso (18.8; 19.3,5). (MATOS, 2000, p. 3)

## 2. O BATISMO NO TRANSCURSO DE ÉPOCAS

O ser humano tem a necessidade de criar rituais. Nem sempre esses são religiosos, podem ser uma passagem simbólica ou uma iniciação, ou ainda uma aceitação de um indivíduo em um grupo. No entanto, quando o ritual é de cunho religioso, em linhas gerais, tem como objetivo a aproximação do ser humano com a divindade, consoante com Vilhena:

O rito refere-se, pois, à ordem prescrita, à ordem do cosmo, à ordem das relações entre deuses e seres humanos e dos seres humanos entre si. Reporta-se ao que rima e ao ritmo da vida, à harmonia restauradora, à junção, às relações entre as partes e o todo, ao fluir, ao movimento, à vida acontecendo. A busca pela ordem e o movimento são elementos constitutivos dos rituais. (VILHENA, 2005, p. 21)

Existem inúmeros rituais religiosos que se diferenciam conforme a crença, os costumes e a intenção deste. Podem ser litúrgicos, como o culto, a missa, procissões, etc; comemorativos, como Natal, Páscoa, entre outros; propiciatórios; mortuários ou funerários; de cura; ou ainda de iniciação ou passagem, como casamentos, ordenações, Bar Mitzvah e o Batismo Cristão.

O ritual do batismo cristão, objeto deste artigo, não foi uma novidade para os apóstolos ou para a igreja primitiva.

## 2.1 O batismo entre os gentios

O mundo contemporâneo de Jesus já conhecia os rituais religiosos de purificação dos hindus, egípcios, persas e principalmente dos gregos e romanos. Estes rituais geralmente se caracterizavam por banhos de mar ou aspersão de água, sangue ou outro fluido simbólico.

Apesar de semelhanças na forma do rito de purificação das religiões de mistério com o batismo cristão, aquele não era feito em nome de um deus. Apenas exigia-se o reconhecimento desta divindade, conforme nos ensina Berkhof:

Muitos eruditos dos dias atuais afirmam que o batismo cristão, especialmente como ensinado por Paulo, deve sua origem a ritos similares das religiões de mistério, mas essa derivação não tem nem as aparências a seu favor. Enquanto que o rito de iniciação nas religiões de mistério envolve um reconhecimento da divindade em questão, não há vestígio de um batismo em nome de algum deus. (BERKHOF, 1949, p. 619)

Um exemplo desse ritual é o taurobolium ou taurobóleo que, apesar de ser estranho ao rito do batismo cristão, não deixa de ser uma analogia: Um touro era sacrificado em honra a Cibele. O ofertante descia ao fundo de um fosso e recebia sobre si o sangue do animal que fora imolado em cima. Este batismo de sangue era praticado pelos antigos gregos e romanos.

## 2.2 O batismo entre os judeus

A Lei impunha, para a pessoa que abraçasse o judaísmo, a circuncisão como símbolo da aliança entre Deus e

Abraão e posteriormente, entre Deus e o povo de Israel. No entanto, a lógica judaica é que qualquer um que não fosse judeu ou que vivesse fora das fronteiras de Israel era, por natureza, impuro. Assim, surge a necessidade de purificar o candidato ao judaísmo com outros rituais, como o “Tevilah”, ou o “batismo dos prosélitos”.

Prosélito era qualquer estrangeiro que se convertesse à religião judaica ou que fosse viver nos limites geográficos de Israel, sob a proteção de Yhwh. O “Tevilah” se constituía em colocar o prosélito em pé com água até o pescoço, lia-se a Lei e o imergia com o significado de abandono do paganismo e mudança de vida.

O proselitismo judaico, feito apenas com o objetivo de arrebanhar membros para o judaísmo foi condenado por Jesus Cristo: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Porque rodeais o mar e a terra para fazer um prosélito; e, uma vez feito, o tornais filho do inferno duas vezes mais do que vós” - Mt 23:15.

Neste contexto, surge o batismo de João Batista, o último profeta do Antigo Testamento. De maneira semelhante ao ritual judaico, em sua forma, porém diferente em sua essência,



como nos afirma Berkhof: “Seja qual for a relação histórica que possa ter existido entre os dois, é evidente que o batismo de João estava prenhe de significações novas e mais espirituais.” Pois este pregava o arrependimento e, como ainda pertencia à antiga dispensação, apontava para o futuro: o Cristo.

### 2.3 O batismo no Novo Testamento

Os pastores alemães Richard Walter e Klaus Homburg, em seu artigo: “O batismo no novo testamento e no agir da Igreja” afirmam que nos primórdios, a comunidade cristã aceitou o costume de batismo de João Batista, como rito comum de admissão na comunidade. Alguns textos, como Rm 6:3, 1 Pe 1:23, Hb 6:2 e outros, pressupõe que todos os cristãos eram batizados. Nesta época, o conceito de batismo era sacramental, já que “um efeito divino é alcançado por meios naturais”. No entanto, muitos textos bíblicos pressupõem a prática comum do batismo, mas nenhum deles oferece uma doutrina pormenorizada sobre esse rito.

O Dr Alderi, nos relata no artigo O Batismo “Em Nome de Jesus” no Livro de Atos: Uma Reflexão Bíblico – Teológica, que no

Novo Testamento encontra-se diferentes tradições acerca da fórmula batismal. Em Mateus 28.19b Jesus nos apresenta a fórmula mais longa: “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”. Já em Atos 2.38 e 10.48 lê-se “em nome de Jesus Cristo” e em Atos 8.16 e 19.5 “em nome do Senhor Jesus”. A fórmula mais extensa tem sido mais aceita e utilizada desde o século II. A tese do artigo é que a forma de batismo apresentada em Atos, apenas em nome de Jesus, reflete a prática das antigas comunidades cristãs. Era muito significativa para a igreja primitiva porque sintetizava o que acontecia quando alguém se tornava cristão, ou seja, se identificava com Jesus Cristo e sua comunidade.

#### **2.4 O batismo pré-reforma e pós-reforma**

Ao abordar o Sacramento do Batismo, Constanza, no artigo Os Sacramentos na Igreja Antiga se vale de vários escritores teológicos e os apresenta em uma ordem cronológica. O apóstolo Paulo que enfatizou em suas epístolas que, “no processo de iniciação cristã, o convertido é unido a Cristo pelo sinal da lavagem batismal”, sendo então um rito, o batismo tem um significado espiritual e se relaciona com a morte e ressurreição de

Cristo (cf. Cl 2:11-22). A segunda parte da Didaquê apresenta várias instruções litúrgicas sobre o batismo que “normalmente era administrado por imersão em água viva – ou seja, em água corrente”. Porém, havendo escassez de água, poderia ser efetuado através do derramamento de água sobre a cabeça, por três vezes, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Conforme Justino Mártir (100 – 165) o crente “entrava na família de Deus” pelo banho chamado de iluminação, para então poder participar das ações da comunidade. Então Tertuliano (155 – 220) escreve um tratado sobre o batismo, abordando quem e em quais situações poderiam administrar esse sacramento. O advento da prática do batismo infantil traz a necessidade da confirmação ou do crisma. Mas, Tertuliano atacou as heresias de sua época identificando três benefícios advindos do batismo: “a remissão dos pecados, a regeneração e a habitação do Espírito Santo”. Então, Irineu de Lião percebia o batismo “operando a remissão dos pecados”. Através do batismo o crente “se torna participante do corpo de Cristo e co participante de sua ressurreição”. Já Cirilo de Jerusalém (315 – 386) escreve uma coleção de 23 leituras catequéticas destinadas aos candidatos ao Batismo, como o

“Prólogo das Leituras Catequéticas (Procatechesis)”, onde apresenta uma série de argumentos teológicos, a liturgia ou rito do batismo e indica “que a prática do batismo por imersão já não era a regra habitual”. Ainda, Cirilo defende que não se deve batizar duas ou três vezes o mesmo crente, posição idêntica a de Agostinho.

Para a igreja católica romana, o batismo tem caráter soteriológico e constitutivo. Ou seja, o sacramento salva e inclui a pessoa batizada na Igreja de Cristo, como membro efetivo do Corpo de Cristo.

Desde os seus primórdios a igreja católica romana enfatiza a importância da ministração do batismo com a finalidade de livrar a pessoa batizada do inferno. Ou seja, o batismo tem motivação salvífica, correndo o risco de passar de rito espiritual para ritual religioso.

Com o advento da reforma, Lutero não estava preocupado com a questão do batismo em sua forma ou finalidade, mas sim com as heresias advindas das indulgências. Ainda, concordando com o batismo católico, continuou a prática com o mesmo ritual e finalidades, o que se prolonga até os dias atuais na igreja Luterana.

No entanto, a Reforma questionou os rituais de sacramentos, que no catolicismo eram sete: Batismo, Confirmação ou Crisma, Eucaristia, Confissão ou Penitência, Ordenação, Casamento e Unção dos enfermos ou Extrema Unção, todos ministrados por sacerdotes. Os dois ramos da Reforma: o luterano e o reformado, acataram apenas dois sacramentos: O Batismo e a Eucaristia ou Santa Ceia, por acreditar serem estes realmente instituídos por Jesus como ordenança e concordaram que são evangélicos e meios de Graça, discordando, porém, em sua eficácia.

“Sinal visível da graça invisível”, desta forma, João Calvino definia o sacramento do batismo. Primeiramente a graça, pela ação do Espírito Santo na vida do crente, depois a aplicação de seu símbolo externo, o ato do batismo com água.

Com o surgimento do ramo anabatista no movimento reformado, o sacramento do batismo foi colocado em discussão. Os anabatistas defendiam que uma pessoa só pode ser batizada quando conscientemente decidir por uma conversão e arrependimento dos pecados, negando dessa forma, o batismo de crianças. Este grupo foi ferozmente perseguido e quase se

extinguiu, porém, suas ideias e doutrinas referentes ao sacramento deixaram grandes marcas e cisões entre as diversas denominações que surgiam a partir de então.

### 3. FORMAS DE MINISTRAÇÃO DO SACRAMENTO DO BATISMO

A ramificação do segmento evangélico, fruto de divergências teológicas e doutrinárias, trás consigo grandes diferenças em seus ritos e costumes.

Como já exposto, o sacramento do batismo não possui um rito específico exposto nas Escrituras, sendo este o principal motivo da pluralidade de formas de ministração deste sacramento.

O Dr Alderi, em seu artigo “O Batismo ‘Em nome de Jesus’ no livro de Atos”, salienta que as diferenças no rito do batismo vão além do modo de ministração, que será explorado na sequência, chegando a divergir nas palavras:

Ao invés de ser uma expressão de identificação mútua, o batismo tem sido um motivo de constante divergência e suspeita. Ao longo dos séculos, os cristãos têm divergido quanto ao modo de ministração do batismo, a quem deve ser aplicado, seu

significado essencial e seus efeitos nas pessoas batizadas. Uma área adicional de divergência é a que se refere a fórmula batismal, as palavras litúrgicas pronunciadas no próprio momento da ministração do sacramento. (MATOS, 2000, p. 1)

### 3.1 Batismo por imersão

O batismo por imersão é a forma mais comum no meio evangélico. Consiste em submergir o batizando totalmente em água. Para isso há a necessidade de água suficiente para mergulhar um adulto.

Para se fazer apto para o batismo, o crente precisa se declarar arrependido de seus pecados e o senhorio absoluto de Jesus em sua vida. Condições estas que desqualificam as crianças.

O entendimento do batismo por imersão, pela maioria das denominações evangélicas, tem como paralelo a morte, o sepultamento e a ressurreição de Cristo. O crente morre para os seus pecados, é sepultado pelo mergulho nas águas e ressurge como nova criatura. A referência bíblica comumente utilizada para justificar esta prática é Rom 6:3-5 e Col 2:12.

As igrejas reformadas, apesar de aceitar essa forma de batismo, optam pela aspersão, como nos ensina Confissão de Fé

de Westminster, em seu Capítulo XXVIII: “III. Não é necessário imergir na água o candidato, mas o batismo é devidamente administrado por efusão ou aspersão.

### 3.2 Batismo por aspersão

A Igreja Católica Romana usa o batismo por aspersão como costume na ministração do sacramento, no entanto, como a motivação do batismo católico é salvífico e diverge do objeto deste artigo, não será considerado. Pois, como nos doutrina a Confissão de Fé de Westminster, em seu Capítulo XXVIII:

V. Posto que seja grande pecado desprezar ou negligenciar esta ordenança, contudo, a graça e a salvação não se acham tão inseparavelmente ligadas com ela, que sem ela ninguém possa ser regenerado e salvo os que sejam indubitavelmente regenerados todos os que são batizados. (CFW, 1649, Cap XXVIII)

Algumas denominações oriundas da reforma protestante, como a Igreja Luterana e a Igreja Presbiteriana, ainda a Igreja Metodista entre outras, adotam como costume o batismo por aspersão, batizando também crianças.

Essa prática se ampara em inúmeras passagens bíblicas que apontam para a circuncisão, como Aliança de Deus com a



descendência de Abraão, sendo esta feita com sangue. O batismo com água, então, vem abolir o derramamento de sangue para a purificação, dando continuidade, desta forma, à Aliança.

A Confissão Belga, que foi escrita em fevereiro de 1563, em seu artigo 34, afirma esta crença:

“Cremos e confessamos que Jesus Cristo, o qual é “o fim da lei” (Rm. 10:4), derramou seu sangue, acabou com qualquer outro derramamento de sangue que se possa ou queira realizar para a propiciação e santificação dos pecados. Tendo abolido a circuncisão, que se praticava com sangue, ele instituiu em lugar dela o sacramento do batismo”. “Por isso, Cristo mandou batizar todos os seus “em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo” (Mt.28:19) Somente com água. Dessa forma, ele nos dá a entender que assim como a água tira a impureza do nosso corpo, quando derramada em nós, ..., assim o sangue de Cristo, através do Espírito Santo, lava a alma, purificando-a e limpando-a de todas as impurezas e iniquidades...”. “Por isso, cremos que quem quer entrar na vida eterna, deve ser batizado uma só vez. O batismo não pode ser repetido, porque também não podemos nascer duas vezes e porque esse batismo tem utilidade não somente no momento em que o recebemos, mas durante a vida inteira”. “Portanto, rejeitamos o erro dos anabatistas, que não se contentam com o batismo que uma vez receberam, e que além disso, condenam o batismo dos filhos pequenos dos crentes. Nós Cremos, porém, que eles devem ser batizados e selados com o sinal da aliança,

assim como as crianças em Israel eram circuncidadas com base nas mesmas promessas que foram feitas a nossos filhos”. (CONFISSÃO BELGA, 1563, Art 34)

Vários questionamentos sobre a oferta de água nas regiões onde são descritas as narrações bíblicas, fortalecem o entendimento dos defensores da aspersão, de que nem sempre seria possível imergir o crente, ou até mesmo, uma multidão de três mil em um só dia.

### 3.3 Batismo com o Espírito Santo

Com o advento do pentecostalismo surgiu o conceito de batismo no/com/pelo Espírito Santo. Tanto para evangélicos pentecostais e neopentecostais como para católicos carismáticos, o batismo no Espírito Santo é uma experiência espiritual que ocorre em um momento específico e marca o início de uma vida mais integrada na igreja, qualificando, em alguns casos, para assumir funções ou ministérios eclesiásticos.

As referências bíblicas que apoiam este conceito são At 2:1-4, Jo 20:22, 1 Cor 12:13, entre outros. No entanto, os teólogos contrários ao movimento pentecostal se utilizam da mesma passagem de 1 Cor 12:13 para negar que o Espírito Santo seja

efetivamente derramado somente a alguns na Igreja. “Pois em um só corpo todos nós fomos batizados em um único Espírito: quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um único Espírito.” 1 Cor 12:13

Os pastores Richard Walter e Klaus Honburg, citando Barth em seu artigo “O batismo no novo testamento e no agir da Igreja”, alertam para uma problemática deste tipo de conceito batismal:

Barth agora faz uma distinção entre o batismo de Espírito, em que somente Deus vocaciona o homem e o faz voltar-se para ele, tornando-o cristão e o batismo de água como ato do batismo em si, que é de toda decisão pessoal, resposta obediente do homem. Este batismo de água é o primeiro passo para dentro da vida cristã e tem como obediência comprometedora caráter ético e não sacramental. (WALTER & HOMBURG, 1998 p. 81)

Esta compreensão do batismo, típica de uma teologia liberal, periga a uma “total dissolução do batismo.”

No entanto, livres de uma ótica pentecostal e radical, que leva o crente a uma experiência emocional e, muitas vezes, forjadas pelo anseio de santidade, não podemos negar que o batismo com água está ligado ao agir do Espírito Santo. Nesta perspectiva, o Dr Alderi, ao explorar o livro de Atos em seu artigo

“O batismo ‘em nome de Jesus’ no livro de Atos”, evidencia a íntima ligação do batismo e da ação do Espírito Santo:

O batismo daqueles que crêem ou recebem a mensagem normalmente é seguido pelo dom do Espírito Santo (2.38; 8.15-17; 19.6). Em alguns casos, o dom do Espírito precede o batismo (9.17; 10.44-45). Ocasionalmente, o batismo e a imposição de mãos são instrumentais para a concessão do Espírito \*8.17; 9.17; 19.6), embora a imposição de mãos também seja praticada em outras conexões, tais como comissionamento e cura (6.6; 13.3; 28.8). Em algumas situações, a recepção do Espírito é seguida pelo falar em línguas, com ou sem o batismo em água (2.4; 10.45-46; 19.6). Outra consequência do batismo é o perdão dos pecados (2.38; 22.16). (MATOS, 2000, p.4)

#### 4. BATISMO CRISTÃO DE ADULTOS X BATISMO CRISTÃO DE CRIANÇAS OU PEDOBATISMO

Por fim, outra questão a ser discutida é quem deve receber o sacramento do batismo. Berkhof afirma que apenas seres racionais são aptos recipiendários do sacramento:

O batismo visa unicamente a seres racionais propriamente qualificados, a saber, a crentes e seus filhos. Roma perde isso de vista, na medida em que aplica o sacramento também a relógios, edifícios, etc.

Há duas classes de seres humanos a que se deve aplicar o batismo, quais sejam, adultos e crianças pequenas. (BERKHOF, 1949, p. 629)

Em um consenso geral, a pessoa é batizada como resultado de uma conversão efetiva, de uma mudança de vida, após ter se arrependido e assumido o compromisso de fazer parte do Corpo de Cristo. Para tanto, chega-se a conclusão de que apenas uma pessoa adulta, ou suficientemente responsável esteja habilitada ao sacramento.

Lucas pressupõe tanto a observância antiga quanto a universalidade do batismo com água: tem sido praticado desde o início da igreja e aplicado a todos os que respondem com fé ao evangelho. Era a maneira reconhecida e normal pela qual um convertido ingressava na primitiva comunidade cristã. É óbvio que Paulo também considerava o batismo como o método usual de admissão à igreja. (MATOS, 2000, p.4)

Apesar de defender o pedobatismo, Berkhof alerta que o batismo de adultos também é necessário, mas neste caso, alguns cuidados devem ser observados:

O batismo representa primordialmente um ato da graça de Deus, mas, visto que o cristão professante deve submeter-se voluntariamente a ele, este também

pode ser considerado do lado do homem. Há nele um oferecimento e um dom de Deus, mas também uma aceitação por parte do homem. Conseqüentemente, o batismo significa também que o homem aceita a aliança e assume as obrigações próprias dela. É um selo, não meramente de uma aliança oferecida, mas de uma aliança oferecida e aceita, isto é, decidida. (BERKHOF, 1949, p. 630)

Atualmente, poucas denominações aceitam o batismo infantil, ou pedobatismo. Esta prática ficou restrita a igrejas históricas, como a presbiteriana e luterana, a igreja metodista, anglicana e poucas outras.

Calvino considerava o batismo como sinal da nova aliança que, da mesma forma que a circuncisão da antiga aliança, inclui a criança na comunidade de fé, tornando-a também membro efetivo e deitando as responsabilidades de uma educação pautada na religiosidade e espiritualidade nos ombros dos pais e da comunidade. Dessa forma, o batismo infantil é basicamente inclusivo, exigindo que, futuramente, esta criança tenha instrução religiosa e decida por convicção, confirmar sua fé através de uma profissão pública.

Calvino vê o batismo obrigatório de crianças como sinal da nova aliança, correspondente à circuncisão do

antigo pacto, além disso a promessa também pertenceria às crianças. (WALTER & HOMBURG, 1998, p. 89)

Definitivamente, as Escrituras não relatam uma criança sendo batizada, o que dificulta a defesa dessa tese. Mas, essa prática é tida como normal e descrita no Didaquê e comentada pelos pais da igreja, conforme nos afirma Constanza:

Embora a maioria dos batizados na igreja antiga fosse de adultos convertidos do paganismo, parece ter sido prática comum o batismo de infantes, como se pode depreender do testemunho de Tertuliano, que considerava tal batismo inapropriado, dando uma interpretação especial às palavras de Jesus referentes às crianças e o Reino dos Deus (cf. Lc 18.16). (CONSTANZA, 2013, p5)

Na abstenção apologética, que tenta comprovar nas Escrituras Sagradas qual o modo correto de administrar o batismo e para quem deve ser administrado, não se acha erro em diversas formas de batismo, como podemos concluir.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se, ao concluir este artigo, ter cooperado com uma reflexão literária e crítica sobre o sacramento do batismo,

repensando-o e se voltando mais fielmente à sua importância na acolhida do crente na Igreja de Cristo.

Aprofundar-se na história do batismo é de suma importância para o ministério pastoral pois, diariamente, ímpios, descrentes e católicos romanos convertidos que desejam se submeter ao batismo, pois se arrependeram e desejam fazer parte do Corpo de Cristo, precisam fazê-lo com assertividade e sem sombras de dúvidas. No entanto, cabe a nós, convencê-los de que este sacramento não se baseia em liturgias elaboradas, nem é salvífico, mas sim, no início de uma nova vida em busca da santidade. É de suma importância o conhecimento de diversos argumentos de variadas formas de ministração do batismo para que haja firmeza e clareza ao discorrer sobre a doutrina e dirimir dúvidas a respeito do assunto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA.** 2 ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, Cultura Cristã, 2009.

BERKHOF, L., **Teologia Sistemática.** Campinas, Luz para o Caminho, 1990.



MATOS, A. **O Batismo “Em Nome de Jesus” no Livro de Atos: Uma Reflexão Bíblico – Teológica.** Disponível em: <http://cpaj.mackenzie.br/fidesreformata/visualizar.php?id=84>. Acesso em 04 de Setembro de 2017.

CONSTANZA, J. **Os Sacramentos na Igreja Antiga.** Disponível em: [http://cpaj.mackenzie.br/fidesreformata/arquivos/edicao\\_33/artigos/231.pdf](http://cpaj.mackenzie.br/fidesreformata/arquivos/edicao_33/artigos/231.pdf). Acesso em 08 de Outubro de 2017.

MALSCHITZKY, H. **A Dimensão Missionária do Batismo.** Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudosteologicos/article/view/1247/1202>. Acesso em 12 de Outubro de 2017.

WALTER, R.; HOMBURG, C. **O batismo no novo testamento e no agir da Igreja.** Disponível em: [http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/viewFile/1451/1400](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/viewFile/1451/1400). Acesso em 30 de Outubro de 2017.

VILHENA, Maria Ângela. **Ritos expressões e propriedades.** São Paulo: Paulinas, 2005.